

LUZ MATINAL



PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E NOTICIOSO

Orgão da Sociedade União ás Lettras

ANNO I

Aracajú, 26 de Julho de 1882.

NUMERO 6

Noticiario

Expedição scientifica

—O governo francez pretende pedir ás camaras um credito para uma expedição aos polos.

Esta expedição vai ser organisa da de accordo com a Inglaterra, a Allemanha e a Suecia.

Trata-se de ir fazer observações meteorologicas, durante dois annos consecutivos, no polo do Norte e no polo do Sul.

A França e a Allemanha envia rão cada uma um navio ao polo do Sul; a Inglaterra e a Suecia farão o mesmo para o polo do Norte.

O coração de mai é a obra prima da natureza.

Grétry.

Monumento. — Em S. José do Norte, no Rio Grande do Sul, vai erigir-se um monumento à Garibaldi, no lugar em que elle salvou as vidas de 200 e tantas pessoas, no tempo da revolução.

Garibaldi não foi unicamente uma espada valente, foi também um desvelado amigo da humanidade.

Sciencia

Clima.

Os climas quentes, que se estendem em um e outro hemispherio, desde o equador até o 30° de latitude, comprehendem uma grande parte da America meridional, da Africa, da Asia, da Nova Hollanda, da Nova Guiné e um grande numero de ilhas. A temperatura media dessas diversas regiões é de 22° a 43° centigrados. O que alguns auctores tem dito do calor

do Senegal e do centro da Africa parece ser inteiramente exagerado. Os viajantes de boa fé não dão sua temperatura alem de 42°.

Segundo as observações do sr. Pissis, a temperatura media do Rio de Janeiro é de 18° 1/2 R., ou 23,1 do thermometro centigrado, ao nivel do mar.

Segundo as observações feitas do 1.° de fevereiro de 1813 até 31 Janeiro de 1814, a temperatura media do Rio de Janeiro foi, no mez de Janeiro, de 23° de Réaumur; no de fevereiro, 21; no de março, 20; no de abril, 14; no de maio, 17; no de junho, 16; no de julho, 16, no de agosto, 15; no de setembro, 16; no de outubro, 18; no de novembro, 20; no de dezembro, 21.

O thermometro na zona torrida sustem-se constantemente acima de 12° centigrados. Se desce ás vezes até zero ou nivel do gulo é só por circumstancias locais.

Apezar da serenidade constante do céu durante a maior parte do anno nas regiões equinoxiaes, as chuvas são nellas mais abundantes do que nas outras zonas. Nas mesmas regiões observam-se, mais frequentemente do que nas outras partes, grandes commoções da atmosphera.

Os climas extremamente frios, entre os quaes, contamos: a Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, Siberia, Lapônia, Islandia, Groenlandia, Kamchatka, a Nova Zembla, o Spitzberg, apresentam, com os paizes precedentes os maiores contrastes. Disse que, no Equador, o thermometro centigrado eleva-se até 43 grãos; no septuagesimo quinto paralelo, e especialmente na ilha Melville, tem-se visto descer até o quinquagesimo abaixo de zero.

Nota-se, á 80° de latitude, entre o minimum do inverno e o ma-

ximum do verão 81 grãos de variação, isto é, 50 abaixo e 31 acima de zero. Esta ultima temperatura (+ 31 grãos) parece a principio bem maravilhosa; mas attendendo-se que nestas regiões glaciaes o sol conserva-se sobre o horizonte sem interrupção desde o equinoxio da primavera até o do outono, facilmente se comprehenderá como n'esse longo dia de 6 mezes a acção continua dos raios solares é sufficiente para aquecer o ar. Alem das influencias locais, as chuvas são mais raras á proporção que se adianta para o norte. Depois do 55° de latitude, e o equinoxio de setembro, a agua contida no ar cahe frequentemente debaixo da forma de neve ou saraiva.

O frio, a Immobilidade, o silencio da morte reinam na atmosphera. Não vizinhanças dos polos nunca apparecem raios, relampagos, nuvens d'agua, borrascas, nem furacões. Com quanto seja nocivo o seu excesso, o calor não pode deixar de ser considerado como um principio vivificante da natureza, e por isso, alem dos limites da zona temperada do lado do norte, as especies viventes soffrem ou cessão de existir. As arvores só chegam á altura do arbustos; o mesmo decrescimento sentem todos os vegetaes. Esta lei da degeneração tambem existe na especie humana; sabe-se quanto é pequena a estatura das raças lapônicas, dos Samoiedas, dos Ostiacos, dos Esquimós.

Os climas temperados, situados entre os dous extremos, do trigésimo até o quinquagesimo quinto grão de latitude, são os mais agradaveis para se habitar. Estes climas comprehendem, quasi toda a Europa, a alta Asia, a grande Tartaria, o Thibet, parte da China, o Japão, a America Septen-

trional, o Cabo da Boa Esperança, a terra de Diemen, a Nova Zelândia, parte do Chile, Republica Argentina, Uruguay, no Brazil, a provincia do Rio Grande do Sul, etc. E' raro que nestas regiões o calor se eleve acima de 37° e desça de 18 grãos abaixo de zero.

Não apresentam estes climas, como as regiões tropicaes, a belleza da vegetação, a excellencia dos sabores, a riqueza dos perfumes, o brilho das cores; mas a serenidade do céu propicio aos frutos da terra, não obriga os habitantes dos paizes temperados a lutar incessantemente contra a sua inclemencia. Entretanto esta zona tambem tem suas vicissitudes atmosfericas.

Passo agora a dizer algumas palavras acerca das influencias locais, ou dos climas accidentaes e particulares, que se distinguem em cada uma das grandes zonas terrestres que deixei indicadas.

Bem que o hemispherio meridional receba os raios solares na mesma direcção que o hemispherio boreal, é entretanto sensivelmente mais frio em latitude igual. A differença é sobretudo notavel nos polos; a media das temperaturas do polo antarctico, ou do sul é de 23° abaixo de zero, entretanto que a do polo arctico, ou do norte é de 46°.

A immensa extensão dos mares no hemispherio austral explica em grande parte este phenomeno.

Pela mesma razão, isto é, pela

menor elevação da temperatura do ar sobre a agua do que sobre os continentes, as ilhas são mais temperadas do que a terra firme, debaixo da mesma latitude.

Porem a influencia mais notavel das localidades sobre os climas observa-se nas montanhas altas, e sobretudo nas dos paizes quentes, subindo da baze ao cume, observam-se, em algumas horas os climas permanentes da maior parte do globo.

Na baze das montanhas, os calores do equador e do verão; no cume, os gelos perpetuos dos polos e do inverno, e nas alturas intermedias, as gradações das zonas temperadas, da primavera e do outomno. A vegetação segue o mesmo progresso nesta escala rapida, como no globo inteiro; ricas e vigorosas na baze, como debaixo do equador, as plantas diminuem á proporção que se approximam do cume; as que ali nascem tornam-se molinas, languidas, e subindo á altura de 2000 toezas, já não se encontra vegetação alguma. Sahe-se que, por causa da elevação do terreno, a cidade de Quito, bem que situada debaixo da linha, goza do clima das regiões temperadas, e que os Andes do Perú estão constantemente cobertos de neve.

A visinhança dos pantanos influencia muito na insalubridade do clima. Tanto é nociva a visinhança destes lugares, quanto é salutar a das matas. Enriquecem o ar de uma

prodigiosa quantidade de oxigeneo, quando são aquecidas pelos raios solares; entretam uma frescura habitual na atmosphera, durante o verão, e no tempo de inverno diminuem a violencia do frio, paralyzando o curso impetuoso do vento.

As vastas planicies continentaes estão expostas á todas as vicissitudes atmosfericas, e a todos os ventos; são mais quentes no verão e mais frias no inverno.

Tem-se observado que a cultura das terras torna os paizes muito mais quentes do que eram antes de serem cultivadas. Este facto não tem ainda explicação satisfactoria. E' facil conceber-se que o esgotamento d'um pantano torne sadia uma região.

Mas porque é que a cultura da terra produz maior somma de calor?

Ignora-se.

Entretanto, o facto é indubitavel. A antiga Gallia e a Germania eram realmente mais frias do que o são hoje.

O que prova isso de uma maneira inquestionavel, é que muitos vegetaes, que não podiam acclimar-se no tempo de Cezar e de Tito, são hoje mui communs nestes paizes.

O conhecimento da topographia de um lugar não é sufficiente para determinar se o clima é ou não salubre. A terra, na sua rotação, atravessa camadas de ar que tem qualidades differentes, e é neces-

FOLHETIM

A H Y

POB

J. P. S. LEITE

IV

PARTIDA

Aoitin sentin-se outro. Aquelle—amo-te—da desenvolta e graciosa donzella, havia deixado a alma do moço cheia de inquietação. Quem sabe se Mery, pai de Ahy, consentiria na sua união?

Havia entre elle e ella, a virgem de seus sonhos, um abysmo que nenhum lynca poderia medir. Elle pobre, sem familia, so no mundo. Ella a filha do cacique da tribu, a mulher mais bella entre suas

4 companheiras! O pobre rapaz engolfou-se na sua tristeza habitual, que ha tantos annos o matava.

Com a fronte pendida, meditava na sua união com a mulher que amava; união impossivel, porque Mery era bastante orgulhoso, e apesar de muita amisade dedicarlhe, o orgulho não concederia dar passo. Nessas horas de incerteza e de duvida a alma como que antiquilla-se. Ella não pode viver sem esperança, disse um grande poeta da antiguidade.

E no entanto Aoitin teria desfolhado a ultima esperança, o ultimo recurso que conforta o homem desprotegido da sorte? Não, e elle assim comprehendeu.

A' noite, Mery estava sentado na sala. O moço encaminhou-se tremulo. O sol fugia de seus pés; o sol doirado estava no occaso.

Pobre criança! Ha na vida soci-

al um abysmo que se abre entre os pés do rico e do pobre, do poderoso e do fraco. Oh! e quantos males não soffre a humanidade por uma tão dura lei?!

Aoitin quiz fallar; abriu a bocca, forcejou; e finalmente confuzo e atterrado confessou ao seu protector o louco amor que o matava, vindo supplicar-lhe que consentisse tomal-a por companheira.

O egoismo e o orgulho ascenderão as faces do velho. Um—não—duro, que assemelhava-se a uma sentença de morte ferio os ouvidos do moço louco.

E' esta a palavra que lança a alma do homem nas trevas do desespero; é esta a phrase que lança ao pó a pobre estrella do futuro. O moço levantou-se; cambaleava como um homem entregue ao alcool; reconheceu que era preciso fugir envergonhado da presen-

sario que a atmosphera gyre com toda a terra, para que o clima de cada paiz se conserve permanente.

SECÇÃO HISTORICA

Chegada de D. Pedro em Portugal; a sua entrada na cidade do Porto; primeiras operações militares.

Chegou D. Pedro á França no mez de Junho de 1831, partiu logo para Londres, d'ahi para Pariz, e outra vez para Inglaterra, assumiu o seu titulo de Duque de Bragança, e collocando-se a frente da grande e ardua empreza de restituir o throno a sua augusta Filha, e a Carta constitucional a estes reinos, embarcou no dia 2 de febreiro de 1832 na bahia de Belle Isle, publicou o seu famoso manifesto, e no dia 10 desferrou a pequena frota demandando as aguas dos Açores.

No dia 30 de junho, o Imperador D. Pedro, que já tinha assumido a Regencia, passou revista em Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) ao pequeno exercito libertador, que segundo a relação do coronel Hodges, as difficuldades que houve em vencer em Inglaterra, tanta pecuniaria como outras que provinham dos agentes de D. Miguel e seus protectores em Londres, para mandar á ilha de Belle Isle e d'alli para a ilha Terceira, transportes, vasos de guerra, armamento, mu-

nições, gente e dinbeiro, podem ver-se na obra publicada pelo coronel Hodges em Londres em 1833, com o titulo de *Narrative of the expedition to Portugal in 1832, under the orders of his imperial majesty D. Pedro duke of Bragança*.

Finalmente, prompta a expedição composta de duas fragatas, uma corveta, dois brigues, quatro escunas e quarenta transportes, contendo tres brigadas de artilheria de campanha, 8 300 homens de que eram combatentes, em paradas pouco mais de 7.500, a frota que encerrava as esperanças e destinos da patria, levantou o ferro pelas duas horas da tarde de 27 de junho de 1832.

Nesta força estavam comprehendidos 541 officiaes, 463 inferiores, 188 musicos e tambores, 7.033 cabos ansejadas e soldados, inclusive 800 praças de prisioneiros feitos na ilha Terceira e S. Miguel, muitos dos quaes trocaram a divisa azul e branca constitucional pela azul e vermelha do seu partido, apenas se lhes apresentou occasião favoravel.

Os transportes vinham marcados com numeros que davam a entender que passavam de cem; ardid de guerra que sabemos possivelmente produziu o effeito de aparentar maior força expedicionaria.

A viagem foi prospera, podendo

dizer-se como principio dos poetas Lusitanos:

Tão brandamente os ventos os levavam
Como quem o Céu tinha por amigo;
Serenos o ar, os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.

No dia 7 de julho já estavam na altura da Villa-do-Conde, e no dia seguinte começou o desembarque pelas duas horas da tarde na praia de Mindelo, e d'ahi a quatro horas toda a força terrestre occupava as posições, retirando-se os inimigos que não ousara disputar o passo.

No dia 9, ao meio dia, entrou o Imperador na cidade do Porto, á frente do seu pequeno exercito, que estava bem longe de pensar que ia entrar n'uma dura, sanguinolenta e prolongada campanha.

No geral todos estavam persuadidos que era assumpto de dous ou tres mezes.

O exercito inimigo em todo reino compunha-se de 79.523 homens e 3.778 cavallos.

O general Miguelista, visconde de Santa Martha, á testa d'uma boa divisão, abandonou a cidade do Porto, o mesmo fizeram todas as autoridades civis, militares e ecclesiasticas, e muitas pessoas de respeito e consideração, sem serem do partido de D. Miguel.

M. C. DA SILVEIRA.

(Continúa.)

ca daquelle que o matava moralmente, e retirou-se.

Erão 8 horas da noite.

Ao chegar ao quarto, dos ultimos bruxoleos de uma lampada suspensa ao velador, escreveu uma carta á Ahy, que depoz em cima da meza. Vestio uma grossa japona, e com a fronte pendida continuou á meditar.

Bem perto de si, n'alcova pegada a seu quarto, dormia Ahy, innocente como a rolinha solitaria do sertão; vela elle, ainda ouvindo a palavra das profundezas horrorozas como o canto das tristes arapongas do deserto.

Mergulhado na dôr que o mata levou assim até quando o relógio da baixa salla de jantar pauszadamente, bateu meia noite.

O joven levantou a macilenta fronte; duas grossas lagrimas humedeciam-lhe as faces. Tudo dormia. «O deserto acorda a idéa do

infinito, o silencio da morte!»

Lembron-se de fugir. Viver debaixo do mesmo tecto com aquella a quem daria a vida, se preciso fosse; receber daquelle, que desapiadado desfolhava as suas mais bellas esperanças da vida, o sustento, o amor paterno, ou talvez d'ahi por deante o desprezo, era para elle um impossivel.

Lembrou-se tambem do seu pai, o livido espectro daquelle que deulhe o ser passou-lhe pela imaginação, como um sonho, e disse-lhe:—«Sêde homem, levantai a fronte, e tende resignação!»

Aoitin sentia em seu espirito o impossivel de sentir-se.

Abrio de leve a janella. A lua passeava pallida e alteroza na concha dos céos. A lua ás vezes como que chora, Aoitin fitou-a. Além na extrema do horizonte estendia-se o nevoeiro.

Um leve suspiro pela segunda

vez arfado do moreno seio de Ahy, ferio e gelou a alma do joven.

Ha momentos em que a palavra é o menos que falla, disse Palhares. Elle guardou silencio.

A brisa beijava uma innocente rolinha, Aoitin balbucion: são felizes!...

Esta phrase concentrava toda a tristeza impossivel, na qual nadava o seu espirito. Seu coração como que havia gelado, paralisado.

Passou a mão na fronte; dentro ardia-lhe uma braza. Quando a aurora vinha raiando e já as estrellas não brilhavam com fulgor na concha celeste, Aoitin tinha sahido da casa de Ahy, com a tenção de não mais voltar.

Um adeus esta palavra repassada de ternura, escapou de seus labios nessa hora, como uma idéa negra vòu pela fronte do criminoso.

(Continúa.)

Litteratura

Cecilia

CONTO HISTORICO

Cecilia era uma dessas creaturas formosas na idade dos 16 annos, uma destas jovens seductoras que ao vermos paramos momentaneamente, e a sós balbuciamos: que bella mulher! para depois continuarmos a nossa viagem, levando n'alma milhões de sentimentos.

Nascida na bella cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, possuia uma côr morena, uns olhos cheios de languor, uns labios, qual rubra aurora desprendendo do espaço immenso seus cabellos doitados! Era bella a creança!

Na idade mais chimerica da existencia, perdara sua mãe; e ficaria só no mundo, se a providencia, que soccorre aos affictos, não lhe conservasse um tio que desvela se pela sua educação e bem estar.

Desde os dez annos achou este amparo, e esse alivio para as suas afflicções.

Assim cresceu Cecilia, e quando já contava 16 primaveras, viu com os olhos cheios de lagrimas descer ao tumulo a noiva creatura amiga e parente que lhe restava no mundo.

Com que pena, dôr e afflicção não vio a desecvolta creança Jorge (seu tio) prestes a morrer?!

Ai! quantas lagrimas não vorti am seus olhos em presença desta mão generosa que tantos carinhos lhe prodigaliza??

Qual o futuro, unico meditar do homem, era destinado a Cecilia?

A lagrima, o apanagio do triste. Assim meditava a moça chorando exasperadamente, até q' a morte, sem commover-se do seu pranto, gelou se mais um craneo, putrefez mais um corpo. Em presença do cadaver livido de Jorge, sua sobrinha ajoelhou-se reverente e tomando entre as suas a mão fria do tio, proferio, entre soluços: —Basta que a sua filha seja tão feliz quanto desejava!

Nos fins de dous seculos antepassados reinava ainda na colonia poderosa do Portugal a crueldade e a devassidão, instituidas pela falta de intrução.

Não havia justiça, a justiça era

o poder e o poder era o punhal. De corridos oito dias depois do enterro de Jorge, estava já preparada a moça para entrar em um convento, quando um inesperado accidente veio por termo a sua aspiração.

No silencio do claustro queria Cecilia chorar suas infelicidades, recordar seu passado e fazer votos ao Creador pelo tio que baixara á sepultura deixando a só ueste val de lagrimas!

Na vespera da partida Cecilia dormia tranquillamente em casa com uma creada, quando acordou-se em sobre-salto, porque sentia passos no pavimento.

A porta do quarto estava cerrada apenas, e uma mão poderosa a abria, assestando no limiar da alcova um vulto hedendo vestido de preto.

A moça deu um grito, o echo repercutiu o alem.

Na cidade tudo dormia, somente agitava-se o mar.

O vulto encaminhou—Cecilia, disse elle, primeiro que tudo devo dizer te uma phrase, que milhões de vezes tem sido pronunciada: — amo-te. A magnitude dos teus meigos olhos me seduziram! A tua infelicidade me compadece e por isto venho te offerecer uma casa luxuosamente mobilhada onde nada te faltará!

—Senhor, disse a moça tremula, é inqualificavel sua ousadia, faça o favor de retirar-se nesse momento.

—Não me retirarei sem ouvir dos teus labios um affirmativo; dizendo isto depoz em cima da meza um grande e reluzente punhal.

A creada havia, como muitas praticam, retirado-se de casa apoderando-se do somno a que estava entregue Cecilia, deixando a porta do quintal quasi aberta.

—Não senhor, o meu futuro será o claustro.

O senhor não hade atrever-se a abusar da minha fraqueza.

—Porque não, minha senhora, trata-se de um negocio serio; a se agora será minha ou não viverá mais.

—O senhor é um miseravel, disse a moça indignada, o senhor!..

Cecilia não poudo concluir a phrase insultuosa que tão proferir os seus labios. A luz havia sido apagada, e mais dous vultos entraram no pavimento. A moça desmaiou

Quando no dia seguinte a aurora vinha raiando do lado do Oriente, quando os pescadores sombrios voltavão da pescas encontrarão um cadaver de mulher boiando á tona d'agua, entre uns barrancos.

No entretanto tudo era vida e alegria na bella cidade de Santos!

J. P. S. LEITE.

Pedido

E' noite bella, ao delirar do sonho
A lua linda já patreia os ceus,
Branças cortinas pela immensidade
Oh! tu sorrias bem dizendo á Deus...

E tudo é linda! a natureza a virgem
Chora tristonha, como chora o mar,
O infinito com milhões de estrellas
Não tem os raios desse teu olhar.

E pensativo nesta hora triste
Além fitando o espelhar das aguas
Digo tristonho, qual sublime louco,
Meu Deus, é virgem, dispensai-lhe as maguas

Depois, risonho na vertigem douda
Miron-me triste neste teu olhar,
Deixa que eu beba sequiozo a taça
Oh! da-me a vida, p'ra poder te amar.

J. P. S. LEITE.

Charadas

1—1—Na Italia esta palavra é nome de homem.

+

2—2—Sou fructo em Portugal.

+

2—2—Este animal, com outro animal forma um terceiro.

+

2—1—Este trabalho no jardim é uma cidade.

J. A. LIMA.

A decifração do logographo do numero antecedente é *Hierosolyma*.

Typ. da «Gazeta do Aracaju» Rua de Itaporanga numero 20.